

MIA COUTO: “SOMANDO COLORAÇÕES” NO VOCABULÁRIO DA LUSOFONIA

Neusa Barbosa Bastos
Regina Helena Pires de Brito
(PUC-SP/Universidade Presbiteriana Mackenzie)

RESUMO

Centramo-nos, neste trabalho, em alguns aspectos da obra miacoutiana, no tocante à criatividade/produtividade do sistema lexical da língua portuguesa, resultante da aplicação de estratégias utilizadas pelo escritor no ato da textualização discursiva. Fixamo-nos em aspectos culturais lusófonos presentes em fragmentos de *O beijo da palavrinha* e de *Estórias abensonhadas*, relativamente à incorporação de palavras novas, o que nos leva à confirmação de que com o “velho”, o aprendido, constrói-se o “novo”. A perspectiva que orienta nossas reflexões parte do entendimento de que somos parte de um intrincado e múltiplo espaço “lusófono”.

PALAVRAS-CHAVE: léxico, discurso, Mia Couto.

[...]Brincadeiras, brincriações. E é coisa que não se termina. Lembro a camponesa da Zambézia. Eu falo português corta-mato, dizia. Sim, isso que ela fazia é, afinal, trabalho de todos nós. Colocamos essoutro português - o nosso português - na travessia dos matos, fizemos que ele se descalçasse pelos atalhos da savana.

Nesse caminho lhe fomos somando colorações. Devolvemos cores que dela haviam sido desbotadas - o racionalismo trabalha que nem lixívia. Urge ainda adicionar-lhe músicas e enfeites, somar-lhe o volume da superstição e a graça da dança. É urgente recuperar brilhos antigos. Devolver a estrela ao planeta dormente.

“Perguntas à língua portuguesa”, de Mia Couto

1. Considerações Iniciais

Ao tratar da presença da literatura moçambicana de expressão em língua portuguesa no Brasil e, por conta disso, da variedade do português moçambicano, centramo-nos em alguns aspectos da obra de Mia Couto, nomeadamente no tocante à criatividade e produtividade do sistema lexical língua portuguesa, resultante da aplicação de estratégias utilizadas pelo escritor no ato da textualização discursiva. Para tanto, a perspectiva que orienta nossas reflexões parte do entendimento de que somos – angolanos, brasileiros, cabo-verdianos, guineenses, moçambicanos, portugueses, são tomenses e timorenses (referindo-nos, apenas, aos países de oficialidade da língua portuguesa) – parte de um intrincado e múltiplo espaço “lusófono”, e, nesse sentido, cabem informações acerca do conceito de *lusofonia*¹.

Oficialmente, a ideia da “lusofonia” tem seu início a partir do século XV, com a incursão de Portugal no contexto das grandes navegações, espalhando e, em certa medida, difundindo sua língua e cultura, pela atuação de missionários e colonos diante de povos contatados. Tratar do tema traz também aspecto de natureza semântica e etimológica, subjacente ao substantivo abstrato *lusofonia* e que não pode ser desprezado, pois a forma *luso* remete tanto a lusitano, quanto ao que é relativo a Portugal (além da alusão à Lusitânia, província romana pertencente à Hispânia, habitada pelos lusitanos). Neste sentido, “[...] fora do espaço “Portugal”, esse fator semântico acarreta, por vezes, certo desconforto pela evocação que faz à centralidade da matriz portuguesa em relação aos sete outros países” [de língua oficial portuguesa] (BRITO; BASTOS, 2006, p. 65).

Lusofonia evoca, também, a *Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP)*, criada em 1996 como “foro multilateral privilegiado para o aprofundamento da amizade mútua, para a concentração político-diplomática e da cooperação entre os seus membros”², com o intuito de reunir os países de língua oficial portuguesa a fim de uniformizar e difundir a língua e aumentar o intercâmbio cultural entre eles. Em torno disto, Eduardo Lourenço – intelectual português que, com certeza, mais tem pensado criticamente a matéria –, em diversas circunstâncias, refere-se à CPLP – ao afirmar que a *Comunidade dos Povos de Língua Portuguesa, tal como existe, ou queremos que exista, seria um refúgio imaginário* (2001, p.182) – e aos ideais da lusofonia – um

projeto, uma aposta, na qual deve residir *alguma verdade* (uma vez que foi “imaginada” – 2001, p.176). As colocações do autor ao longo de sua obra sobre o tema não deixam dúvidas sobre a viabilidade da lusofonia. Contudo, pode-se entrever a inviabilidade da instituição de uma ideologia lusófona que nasça e corra por conta de interesses político-econômicos da globalização.

Na nossa perspectiva, a Lusofonia é um espaço simbólico linguístico e, sobretudo, cultural no âmbito da língua portuguesa e das suas variedades que, no plano geo-sociopolítico, abarca os países que adotam o português como língua materna (Portugal e Brasil) e língua oficial (Angola, Cabo Verde, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau - os *Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP)* - e Timor-Leste. No entanto, não se pode restringir a lusofonia ao que as fronteiras nacionais delimitam. Nesse modo de conceber a lusofonia, há que se considerar as muitas comunidades espalhadas pelo mundo e que constituem a chamada “diáspora lusa” e as localidades em que, se bem que nomeiem o português como língua de “uso”, na verdade, ela seja minimamente (se tanto) utilizada: Macau, Goa, Ceilão, Cochim, Diu, Damão e Málaca. Além disso, Lourenço (2001) assinala que a lusofonia é inconcebível sem a inclusão da Galiza. Somemos a isso outras regiões de presença portuguesa no passado e/ou onde, relativamente, se fala português ainda hoje: na *África* – Annobón (Guiné Equatorial), Ziguinchor, Mombaça, Zamzibar; na *Europa* – Almedilha, Cedilho, A Codosera, Ferreira de Alcântara, Galiza, Olivença, Vale de Xalma (Espanha). Essa síntese do mundo lusófono – que se procura reunir numa noção de lusofonia – pretende conciliar diversidades e afinidades linguísticas e culturais com a unidade que estrutura o sistema linguístico do português.

Tem-se, nessa breve descrição, a dimensão geográfica da língua portuguesa que se distribui por espaços múltiplos, numa área extensa e descontínua e, que, como qualquer língua viva, se apresenta internamente caracterizada pela coexistência de várias normas e subnormas. Estas divergem de maneira mais ou menos acentuada num aspecto ou noutro, numa diferenciação que, embora não comprometa a unidade do sistema linguístico, possibilita-nos reconhecer diferentes usos dentro de cada comunidade. Assim se reconhece, por exemplo, o “Português Europeu” e o “Português Brasileiro” (e os muitos falares dentro de cada um), da mesma forma que há alguns estudos do português em Angola, Moçambique, Cabo Verde, Timor-Leste: *se queremos dar algum sentido*

à galáxia lusófona, temos de vivê-la, na medida do possível, como inextricavelmente portuguesa, brasileira, angolana, moçambicana, cabo-verdiana ou são-tomense (LOURENÇO, 2001, p. 112).

Desse modo, é necessário ter clareza quanto aos papéis distintos que a língua portuguesa forçosamente cumpre em cada localidade; pensar a lusofonia é, igualmente, pensar na função que o português desempenha em cada um dos contextos de sua "oficialidade" – é, por exemplo, língua materna no Brasil, mas, ao mesmo tempo, é totalmente desconhecida em muitos espaços da CPLP³.

Do lado timorense, por exemplo, na perspectiva do linguista Luiz Thomaz, a língua portuguesa é, ao lado da religiosidade, um dos fatores capazes de viabilizar a concretização da unidade nacional:

a difusão de uma cultura luso-timorense, fruto de uma aculturação paulatina ao longo de quatro séculos e meio de contacto. Através dessa cultura mestiçada (de que o catolicismo e a língua portuguesa são talvez os dois elementos-chave) a população timorense em geral e a sua classe dirigente em especial integram-se num universo cultural mais amplo, o da civilização lusófona (THOMAZ, 2002, p. 143).

Do lado africano, há considerações que concebem a lusofonia "como um conceito vago, uma estratégia política e cultural sem qualquer correspondência com a alma e o sentir dos povos africanos" (PACHECO, 2000); outros entendem que *o facto de Angola pertencer à Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) e aos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) poderia reforçar essa presença [do português no território] se uma política linguística clara e consequente fosse aplicada perante o ensino da língua portuguesa dum lado e das línguas autóctones do outro* (KUKANDA, 2000, p. 112).

A obviedade da questão da lusofonia varia de acordo com a perspectiva que é dada ao assunto – a obviedade com que se trata a questão da lusofonia em Portugal, a naturalidade com que o assunto é abordado no Brasil, a consciência da necessidade do português para o fortalecimento dos mecanismos de cooperação e de reconstrução de uma nova nação com que se encara o assunto em Timor-Leste, e o ceticismo com que este tema é inevitavelmente enfrentado do lado africano. As diversas abordagens do tema lusofonia nem sempre caminham de forma pacífica [...] (NAMBURETE, 2006, p. 64).

A lucidez da representação que o professor e jornalista moçambicano Eduardo Namburete nos oferece acima revela a dimensão da multiplicidade

de sentidos e reações que a abordagem da temática suscita.

Ao se tratar da presença da língua portuguesa na África e na Ásia, comumente são utilizadas expressões como “língua franca”, “língua de comércio” e “pidgin” (significando formas de contato entre povos com línguas diferentes), e ainda como “crioulo” (língua criada com base lexical ou gramatical em outra língua) ou “língua auxiliar”. Outros termos de referência ao português (especialmente aplicados ao Brasil) são as “variedades” (“variantes” ou “normas”) linguísticas. Quando se coloca a questão de diversas línguas em contato, isto é, quando se tem falantes individual ou coletivamente se expressando em duas ou mais línguas, chega-se ao bilinguismo ou ao multilinguismo - como é comum encontramos em diversas partes do espaço lusófono.

Conforme Vilela (1999), o português se fixa na África principalmente por uma determinação política: o seu caráter de língua oficial - que, obviamente, passa por complexas questões linguísticas, decorre da força decisória política.

Moçambique é um país multiétnico, multicultural e multilinguístico. Dados do Instituto Nacional de Educação (1999) apontam que apenas 8,7% de moçambicanos em idade superior a 5 anos falam português como língua materna e que quase a totalidade dos falantes adultos, cujas línguas maternas⁴ pertencem ao grupo bantu, utilizam o português como segunda língua - o que significa o seu contato constante com outras variedades linguísticas. Desse modo, verifica-se no país a mistura de sistemas no falar cotidiano e a imposição do padrão europeu de português em ambiente escolar. Acerca do reconhecimento dos papéis que as línguas locais e a língua portuguesa assumem como consequência da sua incorporação nas atividades sociais ocorrentes no país, assinala Firmino (2002, p.304): “o Português e as línguas autóctones associam-se para executar tarefas no contexto dos sistemas retóricos, indiciais e ideológicos configurados pela natureza das relações sociais que caracterizam a sociedade contemporânea moçambicana”.

Esse painel faz com que o português, tendo se tornando língua de prestígio e recebendo influências das línguas locais, caminhe para a constituição de uma *norma do português moçambicano*. A título de registro, vale mencionar os trabalhos⁵ desenvolvidos, por exemplo, por linguistas como Hildizina Dias, Irene Mendes e Armando Jorge Lopes, que têm se empenhado na compilação de um léxico de usos do portu-

guês moçambicano, procurando registrar inovações dessa variedade e, numa dimensão contrastiva, desenvolvendo a percepção dos leitores para as diferenças entre as normas do português.

2. Língua em uso: fragmentos da obra de um moçambicano

No Brasil, quando se pensa no (re)conhecimento da produção literária africana de expressão em língua portuguesa por parte da academia, percebe-se um amadurecimento representado pelo número expressivo de estudiosos que têm se dedicado ao tema, conforme atestam Chaves e Macêdo (2006, p. 9):

Desde o início dos anos 1970, quando a luta pelas independências no continente inscreveu-se na história da esperança que sacudiu o Ocidente, tal repertório vem seduzindo leitores e ampliando o seu espaço no terreno dos estudos literários. Os trabalhos realizados atestam o interesse crescente pelo tema, muito embora os projetos nessa área ainda se vejam cercados por uma atmosfera de dispersão que tem dificultado bastante a circulação de dados e a discussão de idéias em torno dos problemas que a atividade literária suscita.

Nesse contexto, diversos poetas e ficcionistas têm tido suas obras estudadas e analisadas sob diferentes ângulos e vale referir, a título de ilustração:

- de *Angola*: Agostinho Neto, Antonio Jacinto, José Eduardo Agualusa, Luandino Vieira, Manuel Rui, Ondjaki, Pepetela, Ruy Duarte de Carvalho;

- de *Cabo Verde*: Amílcar Cabral, Baltazar Lopes, Manuel Lopes, Onésimo Silva, Ovídio de Sousa Martins;

- de *Guiné-Bissau*: Amílcar Cabral, Helder Proença, Odete Semedo, Vasco Cabral;

- de *Moçambique*: Eduardo White, José Craveirinha, Luís Bernardo Honwana, Luís Carlos Patraquim, Mia Couto, Noémia de Souza, Paulina Chiziane, Rui Knopfli, Ungulani Ba Ka Khosa.

- de *São Tomé e Príncipe*: Alda do Espírito Santo, Francisco José Tenreiro.

Indubitavelmente, o interesse do público brasileiro em geral pela literatura africana de língua portuguesa tem crescido e nomes como o do angolano José Eduardo Agualusa e dos moçambicanos Mia Couto e Luís Carlos Patraquim são presenças constantes em jornais de grande

circulação e em eventos literários pelo país afora. O mercado editorial, observador desse movimento, está respondendo ativamente à demanda e, além de diversos trabalhos de estudiosos brasileiros, muitas obras de escritores africanos de língua portuguesa (especialmente de Angola e Moçambique) estão sendo publicadas no Brasil.

Dentre esses autores, tecemos comentários sobre aspectos culturais lusófonos presentes na obra de Mia Couto – um dos principais escritores moçambicanos e que é, seguramente, o mais traduzido (há obras suas em alemão, catalão, espanhol, francês, inglês e italiano). Centrando-nos nesse grande prosador contemporâneo africano de expressão portuguesa com excelente receptividade no Brasil, como já mencionado, analisamos alguns fragmentos de sua obra relativamente à incorporação de palavras novas que nos leva à confirmação de que com o “velho”, o aprendido, constrói-se o “novo”.

Selecionamos, para isso, a 1ª. edição de *O beijo da palavrinha*, publicada no Brasil em 2006⁶ – um conto tradicional africano, recriado e reescrito por Mia e ilustrado por Malangatana⁷, o mais importante artista plástico de Moçambique, destinada ao público infantil – e um livro de contos, intitulado *Estórias abensonhadas*, sugestivo de uma atmosfera fantástica, reforçado pela formação do vocábulo *abensonhadas*: adjetivo *abençoada* e participio *sonhada*.

De início, é importante assinalar, sobre a amostragem de textos aqui comentados, colhidos aleatoriamente, que a leitura acontece de forma natural, uma vez que são padrões linguísticos comuns ao uso do português modalidade brasileira – PB –, com tendência à próclise (- *Me sinto ferrujado*, *Ananias*) e, ainda, expressões do português, modalidade europeia – PE - (- *Se calhar, nem hei-de poder ir...*), numa realização de um português modalidade moçambicana – PM – que está a se manifestar já há anos na sociedade moçambicana.

O beijo da palavrinha traz uma história que se passa em uma aldeia no interior de Moçambique, no seio de uma família pobre, que vive as dificuldades causadas pela seca e miséria. O centro do conto é Maria Poeirinha, “uma menina que nunca vira o mar” e que na vida “só ganhara um irmão”.

Um dia, chega à aldeia Jaime Litorâneo, tio da menina, que fica indignado diante do fato de que a família nunca tinha visto o mar. Maria Poeirinha, que “tinha sonhos pequenos, mais de areia do que castelos”, adoece gravemente. O velho Jaime Litorâneo aconselha que a

menina seja levada para conhecer o mar e, assim, curar-se da doença. No entanto, a menina estava muito fraca, e a “salvadora viagem” até o mar não podia ser realizada. Zeca Zonzo, irmão de Maria Poeirinha, “desprovido de juízo”, como todos diziam, decide mostrar o mar para a irmã. O rapaz pega papel e caneta, e, em vez de fazer um desenho com a imagem e as cores do mar, rabisca com “letra gorda” a palavra MAR e passa o dedo da irmã sob o seu sobre a letra M que é feita de “vagas, líquidas linhas que sobem e descem”, procurando fazê-la sentir o mar por meio da palavra MAR definida em um momento de cumplicidade, sensibilidade, solidariedade e muita imaginação entre os dois irmãos. Diante do espanto de todos, a menina conseguiu vislumbrar o mar, e, conforme as palavras do mano Zonzo, “se afogou numa palavrinha”.

O nome de Maria Poeirinha (em contraponto ao nome do tio Jaime Litorâneo) significa um cenário de seca e de penúria, vivenciando uma existência rodeada de tormentos, uma vida de extrema pobreza, cercada pela ausência de benfeitorias existentes em cidades mais bem saneadas e rodeadas de facilidades aos mais bem sucedidos. Os personagens de cotidiano rude recheado de sofrimento são libertados pelo sonhar, que traz movimento animado à triste realidade em que vivem. Sobre o manto “feito de remoinhos, remendos e retalhos” de Maria Poeirinha e sobre as imagens de Malangatana no trecho correspondente, podemos afirmar que o manto representa a fragmentação e a fragilidade de seu viver não revelador de dias melhores e que os desenhos revelam inúmeras alegorias nas ilustrações que contêm predominantemente tons avermelhados que significam o poder de sonhar, a confiança na redenção pós-morte. Conforme analisa o crítico literário da Revista Acadêmica África e Africanidades, Ricardo Riso:

Ao lado do texto temos a ilustração de Malangatana em uma de suas principais características, a imagem poluída por figuras humanas, confinadas e asfixiadas no espaço limitador da moldura da tela, estilo que brilhantemente representava a condição dos moçambicanos diante da ação colonizadora e da posterior guerra civil que assolou o país em diversas pinturas da sua carreira, além da cor vermelha constante na obra do artista, e principalmente as diversas expressões faciais encarando o leitor, que retratam espanto, tristeza, melancolia, dor e indiferença. O artista ilustra o povo da aldeia, procura valorizar a cultura autóctone, caracterizando suas pessoas com trajes típicos como cordões e ornamentos nas cabeças, e utensílios domésticos como um vaso (RISO, 2008).

Nesse conto, dá-se a conhecer o fundamental papel do ancião (tio Jaime Litorâneo), que revelou seus ensinamentos sobre o poder do mar e, por meio deles, fez com que a menina “renascesse tomando conta daquelas praias de areia e onda. E descobrisse outras praias dentro dela”. Além disso, é latente a força que a *palavra* assume nas sociedades tradicionais africanas, capaz de operar transformações na vida e na história – como marcante e frequentemente se verifica nos textos de Mia Couto.

O discurso literário de *Estórias Abensonhadas* é pontuado por cruzamentos lexicais, como o presente no título da obra em questão, que provocam efeitos de sentido associados a aspectos culturais, comportamentais e sentimentais reconhecíveis como instrumentos de afirmação dos povos de nações lusófonas. Essa expressão do sentimento traz à baila relações que se podem estabelecer entre autores moçambicanos e brasileiros, especificamente, Mia Couto, que afirma ter sido influenciado por Jorge Amado no que tange às relações humanas e ao sabor das comidas associadas às de Moçambique.

Deve-se observar, ainda, que os aspectos estilísticos apontam também para uma relação da obra de Mia Couto com a de Guimarães Rosa. A variedade vocabular e a profusão de criações lexicais indicam a descoberta de inúmeras possibilidades de conjunção de significados como as que se encontram em “O bebedor do tempo” (p. 171) em que une os vocábulos “contemplativo” e “inactivo”:

Mas o homem, se via, há muito se apeara de sua alma. Emagrecia a molhos vistos. Definhava. Já nem bebia. Encomendava uma garrafa e ficava a olhar, contemplinactivo. O bebedor adoecia, o fígado desentendido com as vísceras. Veio o médico português em visita de raspão. O lusitano doutorou: que a vida de Xidakwa estava por uma espuma, restavam-lhe uns quantos dias (p.176).

No recorte, tem-se uma visão sobre a vida e a possibilidade de vivê-la de maneira livre, encaminhando sua existência a seu bel prazer, sabendo e desprezando as convenções sociais impostas e percebe-se a posição sobre os sonhos humanos em Moçambique, que se manifestam nas ações dos personagens que sempre são apresentados com nomes e características fundamentais para a contextualização lusófona de sua obra. Assim, temos Xidakwa, um cachaceiro afamado no lugar: “um bêbado de carreira, criatura de vasto e molhado currículo” e o médico português, sempre de passagem pontificando sobre a vida e a morte das pessoas “em visita de raspão. O lusitano “doutorou” sobre Xidakwa com a vida “por uma espuma”:

- ... Lhe pediam contas e Xidakwa se explicava, em despropósito:
- Estou à espera de uma certa mulher, é uma que não cabe neste mundo.
 - Mas bebendo assim?, se atreviam querer saber.
 - O que estou bebendo não é cerveja. Estou bebendo é o tempo, a ver se ela não demora muito (p. 174).

Caracterização nominal pertinente, notamos também em *Tristereza*, personagem do conto "Chuva: a abensonhada" (p. 59) e *Felizbento* do conto "O cachimbo de Felizbento" (p. 65) em que o recurso estilístico da junção de palavras significa e muito para o delineamento das personagens. Tristereza lê na chuva a purificação da terra moçambicana que estava cheia de sangue e a entristecia. Com a chuva, julga que será permitida a redenção e a satisfação dos falecidos, que terão o passado lavado. Felizbento procura mudanças comportamentais a partir do momento em que se vê obrigado a sair de sua casa por ordem de funcionários da Nação, o que o leva a mexer com a terra, desenterrando árvores para resistir à agressão do estado. Valoriza-se a cultura nacional por meio do apego à terra e desapega-se da realidade passando a ficar no imaginário do povo como o sujeito que vive embaixo de Moçambique e "vai fumando em paz o seu velho cachimbo. Enquanto espera a maiúscula e definitiva Paz".

Outra constante nesta é a formação de palavras criativas presentes no português coutiano. Em "O adeus da sombra" (p. 197), inicia-se o conto da seguinte maneira:

- Naquela manhã, *desmadruquei-me*. Minha vizinha quase rachava na minha porta. Abri, ela nem licença: já estava dentro, chorando-me no sofá:
- É minha filha quase não respira.

Ou em trecho de "As flores de Novidade" (p. 19), lemos:

Passou-se o tempo, num abrir sem fechar de olhos. Novidade crescia, sem novidade. Os pais confirmavam e se conformavam: aquela filha fechara o ventre de Verónica. Não era filha única era *filha-nenhuma*, criatura de miolo miudinha.

"O abraço da serpente" (p. 111)

Acubar abriu a boca, mandibularmente. Fosse pelo apelo da serpente,

fosse pela asfixia que começava a lhe apertar. Despertou, transpirado, transpálido. Ele sempre dizia: quando eu morrer há-de ser só para dar saudade nos ausentes. E agora, ao sentir-se desfalecer chamou pelo filho, o mais presente desses ausentes. Filho estou a começar a *desviver*. Sofro de um frio que me está vir de dentro. Parece é um bicho *lagarteando* a minha barriga, *malvoroçando*-me os sangues, nem sei se sonhei se é coisa que realmente me sucede. Mintoninho fez atenção em lhe cobrir. O pai negou: - Deixe. Meu lençol é a cerveja.

Selecionamos, nos contos acima, os termos *desmadruguei-me*, *filha-nenhuma* e *desviver* / *lagarteando* / *malvoroçando*. Quanto aos seus significados, temos em *desmadruguei* (des+madruguei – processo de formação de palavra derivação por prefixação) o sentido de acordar pela manhã por meio de uma não rotineira chamada de uma vizinha que recorre ao enunciator solicitando-lhe ajuda, mostrando uma relação de amizade entre vizinhos, postura adequada à afetividade dos moçambicanos; em *filha-nenhuma* (filha+nenhuma – processo de formação de palavra composição por justaposição) o sentido de filha que significa pouco por ser frágil, pouco inteligente, apelidada de Castigo por ter vindo ao mundo *como uma punição*.

Em *desviver* (des+viver – processo de formação de palavra derivação por prefixação), o sentido é o mesmo utilizado em PB e PM. Em *lagarteando* (lagarto+ear – processo de formação de palavra derivação por sufixação), em PB, temos o sentido figurado de aquecer-se ao sol, enquanto, em PM, percebemos o sentido de cólicas abdominais. Em *malvoroçando-me* (mal+alvoroçar – processo de formação de palavra composição por aglutinação), combinam-se os significados de algo contrário ao bem e o sentido de bagunçar, agitar, confundir, o que nos leva ao efeito de sentido de que o personagem sente problemas no abdômen, cólicas que lhe reviram as entranhas.

Nas misturas lexicais, nos processos de formações de palavras, nas combinações sintáticas apreendemos o funcionamento de unidades discursivas responsáveis por traduzir a expressão do sentimento moçambicano, por meio do potencial de expressividade e do significado que apresentam no contexto em que se inserem.

Em “Pranto de coqueiro” (p.95) encontramos expressões que demonstram variações linguísticas significativas, como “Não tarda que ela desfie suas versões mas aplicando o princípio de que *para meio entendedor duas palavras não bastam*” ou “Muito-muito são esses deslocados que es-

tão vender lenho" ou "A coisa parecia estava pregada, todos fizemos a força e não saiu. Só houve um remédio: a moça voltou ao lugar da venda e *devolveu os cocos no vendedor*". Em PB, temos "para bom entendedor meia palavra basta", o que revela preferência pela posição da frase afirmativa diferentemente da negatividade do ditado moçambicano. Temos ainda a diferença de uso na locução verbal *estão a vender* em PE e *estão vender* em PM e por fim o uso da preposição na regência do verbo devolver os cocos *para* o vendedor em PB, e *devolver os cocos no* vendedor, PM.

São exemplos como os que aqui trouxemos que demonstram que é possível, seguindo essa trilha tão habilmente entrecortada por Mia Couto, chegar a uma representação do povo moçambicano em relação à cultura e à expressão em Língua Portuguesa, nossa língua comum - representação que só se pode efetivar, de fato, nesse espaço plural em que construímos a chamada lusofonia.

[...] vamos criando uma língua apta para o futuro, veloz como a palmeira, que dança todas as brisas sem deslocar seu chão. Língua artesanal, plástica, fugidia a gramáticas.

Esta obra de reinvenção não é operação exclusiva dos escritores e linguistas. Recriamos a língua na medida em que somos capazes de produzir um pensamento novo, um pensamento nosso. O idioma, afinal, o que é senão o ovo das galinhas de ouro?

"Perguntas à língua portuguesa", de Mia Couto

ABSTRACT

In this essay we focus on aspects related to the creativity/productivity of the Portuguese lexical system in Mia Couto's works. Such aspects result from strategies used by the writer at the time of the discursive textualization. We concentrate on Lusophone cultural aspects present in excerpts from "*O beijo da palavrinha*" and "*Estórias abensonhadas*", relatively to the incorporation of new words, which lead us to confirm that with the "old" and the learned, the "new" is built. The perspective that guides our thinking comes from the understanding that we are part of an intricate and multi-faceted Lusophone space.

KEYWORDS: lexicon, discourse, Mia Couto.

NOTAS

¹ As considerações aqui sintetizadas sobre o *Conceito de Lusofonia* e sobre a *Implantação da Língua Portuguesa nas Colônias* têm por base o apontado por Brito (2010) – Revista Ciências & Letras da FAPA.

² “Estatutos da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa”, Cimeira Constitutiva da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Lisboa, 17 de julho de 1996.

³ Outros comentários sobre *lusofonia*: Brito e Bastos (2006); Martins (2006); Namburete (2006); Fiorin (2010); Brito e Hanna (2010).

⁴ O relatório do Censo de 1980 contabiliza 24 línguas, que constituem a língua materna para a maioria dos moçambicanos: bitonga, chope, chuabo, koti, kunda, lomwe, maconde, macua, marendje, mwani, ngulu, nsenga, nyanja, nyungwe, phimbi, ronga, sena, shona, swahili, swazi, tswonga, tswa, yao, zulu.

⁵ Ver, por exemplo: de Hildizina Dias: *Minidicionário de Moçambicanismos* (Maputo: Edição da Autora, 2002); de Irene Mendes: *O Léxico no Português de Moçambique: aspectos neológicos e terminológicos* (Maputo: Ed. Promédia, 2000); de Armando Jorge Lopes: *Política Linguística: Princípios e Problemas* (Maputo, Livraria Universitária-UEM, 1997) e, com Salvador Júlio Siteo e Paulino José Nhamuende: *Moçambicanismos, Para um Léxico de Usos do Português Moçambicano* (Maputo: Livraria Universitária-UEM, 2002).

⁶ *O beijo da palavrinha* faz parte da coleção *Mama África*, lançada pela Língua Geral, é dirigida ao público infanto-juvenil e procura recuperar histórias da tradição oral africana, reescritas por autores africanos e ilustradas por artistas plásticos também africanos e contemporâneos.

⁷ A edição de 2008, lançada em Portugal pela Editorial Caminho, traz ilustrações da canadense Danuta Wojciechowska.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, V. A viragem para a África. In: BETHENCOURT, Francisco ; CHAUDHURI, Kirti (orgs.). **História da expansão portuguesa**. Lisboa: Círculo de Leitores, 1998. v. 4. p. 61-88.
- BRITO, R.H.P.; BASTOS, N.M. Dimensão semântica e perspectivas do real: comentários em torno do conceito de lusofonia. MARTINS, M. et al. (Orgs.) **Comunicação e lusofonia. Para uma abordagem crítica da cultura e dos media**. Porto: Campo das Letras, 2006. p. 65-75.
- _____; HANNA, V.L.H. Sobre identidade em contexto lusófono: reflexões. In.: BASTOS, N.M. (org.) **Língua portuguesa: cultura e identidade nacional**. São Paulo: IP-PUCSP; EDUC, 2010. p.75-88.
- _____; MARTINS, M. Moçambique e Timor-Leste: onde também se fala o português. **Repositorium da Universidade do Minho**. Braga: Portugal, 2004. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/1005>. Acesso em: 14 de novembro de 2010.
- CARDOSO, Elis de Almeida. Cruzamentos lexicais no discurso. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/flp/images/arquivos/FLP10-11/Cardoso.pdf> Acessado em: dezembro de 2010.
- CHAVES, R. ; MACÊDO, T. (orgs.). **Marcas da diferença. As literaturas africanas de língua portuguesa**. São Paulo: Alameda, 2006.
- COUTO, M. **O beijo da palavrinha**. Rio de Janeiro, Língua Geral, 2006.
- _____. **Estórias abesonhadas**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1996.
- FIORIN, J.L. Língua portuguesa, identidade nacional e lusofonia. In: BASTOS, N.M. (org.) **Língua portuguesa: cultura e identidade nacional**. São Paulo: IP-PUC-SP; EDUC, 2010. p. 15-30.
- _____; PETTER, M. (orgs.). **África no Brasil: a formação da língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2009.
- FIRMINO, G. **A questão linguística na África pós-colonial: o caso do português e das línguas autóctones em Moçambique**. Maputo, Promédia, 2002.
- GALVES, C; GARNES, H.; RIBEIRO, F. R. (orgs.). **África – Brasil: caminhos da língua portuguesa**. Campinas/SP: Editora UNICAMP, 2009.
- KUKANDA, V. Diversidade linguística em África. **Africana Studia**, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. n.3, p. 101-11, 2000.
- LOURENÇO, E. **A nau de Ícaro**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- MARTINS, M.L. A lusofonia como promessa e o seu equívoco lusocêntrico.
- MARTINS, M. et al. (Orgs.) **Comunicação e lusofonia. Para uma abordagem**

crítica da cultura e dos media. Porto: Campo das Letras, 2006. p.79-87.

MATTOSO, J. **A identidade nacional**. Lisboa, Gradiva, 1998.

NAMBURETE, E. Língua e lusofonia: a identidade dos que não falam português. In: BASTOS, N.M. (org.) **Língua portuguesa: reflexões lusófonas**. São Paulo: EDUC, 2006. p. 63-74.

PACHECO, C. Lusofonia e regimes autoritários em África. **Público**. Lisboa, 3 de fevereiro de 2000.

RISO, R. O beijo da palavrinha. Disponível em: <http://ricardoriso.blogspot.com/2008/01/mia-couto-o-beijo-da-palavrinha.html>. Acessado em janeiro de 2011.

THOMAZ, L.F. **Babel Loro Sa'e. O problema linguístico de Timor-Leste**. Lisboa: Instituto Camões, 2002.

TURAZZA, Jeni Silva. **Léxico e criatividade**. São Paulo, Anna Blume / IP-PUC/SP, 2005.

VILELA, M. A língua portuguesa em África: tendências e factos. **Africana Studia**, Porto, Fundação Eng. António de Almeida, n. 1, p. 175-195, 1999.

Recebido em: 30/03/2011

Aprovado em: 30/06/2011